

# TRADUÇÃO

## Em busca de uma cultura global? <sup>1</sup>

In search of a global culture?

Bernard Darras\*

**RESUMO:** Diante da globalização, qual é o papel da diversidade cultural? Sabemos, vez que outra, nas nossas aulas, falar da pintura chinesa, da música árabe, ou ainda da poesia indiana? Para efetivar uma verdadeira educação artística, será necessário descentralizar, derrubar barreiras e reestruturar...

**PALAVRAS-CHAVE:** Globalização. Programas de educação cultural. Ensino de arte

**ABSTRACT:** What is the role of cultural diversity in the light of globalization? Is it to speak now and again in our classes of Chinese painting, Arab music or Indian poetry? To conduct true artistic education, it is necessary to decentralize, breakdown barriers and restructure.

**KEYWORDS:** Globalization. Cultural education programs. Art education.

**RÉSUMÉ:** À l'heure de la mondialization, qu'en est-il de la diversité culturelle? Sait-on parfois parler dans nos enseignements de peinture chinoise, de musique arabe ou bien de poésie indienne? Pour mettre en oeuvre une véritable éducation artistique, il faudrait pouvoir décentrer, décloisonner et restructurer...

**MOTS CLEFS:** Mondialization. Programmes d'éducation culturelle. Éducation artistique

## 1 Introdução

Hoje em dia, é banal lembrar que, em decorrência das misturas étnicas e da intensificação de processos de globalização da sociedade, os encontros, trocas, implantes, mestiçagens e fusões entre culturas querem ter seu ritmo acelerado. Neste contexto, todo o conjunto de idéias, de valores, de produtos e de bens pressupõem a existência de relações mais ou menos cooperativas e competitivas.

Ora, nestes domínios, é essencialmente a cultura ocidental que se impõe ao planeta, difundindo seus valores, em detrimento de culturas de que ela coloniza as identidades. Se, na

---

<sup>1</sup> O original em francês, que recebeu o título de “*Vers une culture globale?*”, foi publicado em Paris, no ano de 2001, em um número especial da Revista *Beaux Arts* dedicado à *Arte na Escola*, e continua atual, como se observará; a tradução para o português é da Professora Doutora Sandra Regina Ramalho e Oliveira, do Centro de Artes e do Mestrado em Educação e Cultura da UDESC, com o conhecimento e autorização do autor.

\* Bernard Darras é francês, Doutor em Estética e voltado aos estudos de Artes Plásticas. Maître de Conférences em Ciências da Informação e da Comunicação, além de Artes, ele é responsável pela área de Mediação Cultural na Université de Paris 1, Panthéon-Sorbonne. Ministra aulas nos campos da Semiótica, Teorias da Comunicação, Sistêmica e Vídeo de Comunicação. bernard-darras@wanadoo.fr

cultura ocidental, o campo artístico foi progressivamente encarregado de sustentar uma grande parte dos critérios e valores da alta cultura e de contribuir para a sua renovação, pode-se questionar se o sistema educativo tem a mesma vocação, ou se ele deve apresentar, sem exclusividade, a diversidade cultural.

Que lugar reservamos nós, nos programas escolares e universitários aos pensadores não-ocidentais? Quantos dos conhecimentos das disciplinas culturais e artísticas fazem referência aos poetas indianos, aos pintores chineses, aos músicos árabes, aos dançarinos indonésios? Considerada a extensão e a diversidade da paisagem cultural mundial, não é legítimo criticar programas que se contentam em apresentar a cultura “local”, dominante e em expansão? Em outras palavras, não se pode acusar os sistemas de educação de fazerem escolhas excessivamente limitadas e centralizadas? Escolhas que, paradoxalmente, anunciam-se como humanistas e universalistas uma vez que mantêm a crença em uma espécie de excelência prévia e incontestável?

Assim como esboçamos aqui, um programa de educação cultural não pode ser construído a não ser que seja sobre uma série de descentralizações. A primeira seria concernente à exploração da diversidade cultural planetária, histórica e presente. Ela apresentaria a diversidade das representações do mundo e das construções de realidade. Nesta ocasião, poderia ser abordado o papel organizador das línguas, dos mitos, das religiões, das ideologias, dos organismos sociais, das mídias, das indústrias culturais e, sem dúvida, das diferentes “artes” e das diferentes concepções de arte.

A segunda descentralização seria intra-cultural. No caso da “cultura ocidental”, que está longe de ser homogênea e uniforme, seria a ocasião para explorar as culturas regionais e nacionais, assim como os conglomerados mediterrâneos, nórdicos, eslavos, europeus e americanos.

A terceira descentralização permitiria questionar a organização dos diferentes componentes de um sistema cultural, sua emergência, suas ligações, sua hierarquia e os jogos de poder. Poder-se-ia, entre outras problemáticas, estudar a edificação das culturas eruditas, populares ou jovens e explorar distinções entre julgamentos estéticos e critérios artísticos, na sua relação com os conceitos de natureza, cultura e arte.

A concepção e a aplicação de tal programa de estudos culturais ensejariam a ocasião para uma abertura dos muros entre as disciplinas e, até mesmo, de uma “revitalização polidisciplinar”<sup>2</sup>, engajando, na prática, a participação e a cooperação de diversos professores em torno de grandes questões transversais. Isto poderia ser integrado nas aulas de línguas, de história, de filosofia, e, especialmente, nas de artes e de redação, nas quais os programas seriam reorganizados a fim de facilitar projetos em comum e abordagem transversal de objetivos.

---

<sup>2</sup> No original, “remembrement polydisciplinaire”, expressão extraída de Edgar MORIN, in *la Tête bien faite*, Paris, Seuil, 1999.

## 2 Estudos Culturais e Educação Artística

Se entende a educação artística como descoberta e exploração de fenômenos artísticos, sua contribuição ao programa de estudos culturais diria respeito ao estudo do surgimento dos campos artísticos em torno de práticas comuns, culturais, políticas, paroquiais, burguesas, entre outras.

Ela abordaria, também, o estudo das marcas deixadas por essas práticas e meios sobre as produções artísticas, artesanais ou industriais, assim como sobre as condições de sua recepção e de seu consumo.

Essa educação artística deveria, também, mostrar o funcionamento dos processos de seleção, especialização e de desvio de meios, de divisão e atribuição de funções, assim como de construção de valores.

Restringindo-se a este último ponto, como se pode esperar compreender a lógica das hierarquias e classificação dos objetos culturais nas categorias ditas “menores”, “aplicadas”, “ultrapassadas”, “na moda”, “amadoras” ou “comerciais” se ignora que, no ocidente – à exceção de algumas críticas disponíveis – uma das funções da arte é destinada a produzir a distinção social, a dominação cultural, e a segregação cultural entre alto e baixo, ou nobre e desprezível?

Como compreender as ambições hegemônicas e desclassificação de outras culturas, se ignora que são as mesmas lógicas que são vigentes.

Como interpretar uma dimensão do trabalho da arte moderna e contemporânea, se não se conhece os conflitos que resultaram da persistência de suas lógicas inseridas no contexto de uma sociedade democrática aberta.

Para abordar estas e outras questões, a educação artística deve necessariamente integrar o grande conjunto dos estudos culturais.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Reflexões de uma educadora sobre Educação e Sexualidade: relato de um processo em construção**

Reflections of an Educator about Education and Sexuality:  
a history of a process in construction

Solans Simão\*

**RESUMO:** O presente estudo parte da experiência da autora como professora de Educação Física, que já há uma década vem trabalhando com crianças de quatro a dez anos, e mostra o quanto essa aula é sempre esperada e desejada pelos alunos. Percebe-se também, que muitas vezes os(as) professores(as) de Educação Física conseguem o impossível: transformar aquele momento tão esperado e desejado em algo negativo, utilizando-se apenas da questão da competição em si mesma, contrapondo-se à exploração da arte do movimento. A partir do aprofundamento dos estudos sobre sexualidade e educação, foi possível, também, perceber que a escola evita falar sobre o tema sentimento, bem como evita demonstrá-lo. O artigo relata caminhos metodológicos correntes no seu espaço de atuação – Escola Desdobrada Retiro da Lagoa – que propõe a um grupo, cujos participantes tinham em comum anseios por mudanças, a construção coletiva do projeto “Redescobrimo nossa Sexualidade”. Descreve a trajetória dessa construção e aponta algumas possibilidades pedagógicas sobre a temática.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação. Sexualidade. Pedagogia do movimento. Educação Física. Tema transversal.

**ABSTRACT:** The article relates the author’s experience in meetings conducted by the Florianópolis municipal government about the transversal themes of the National Curricular Standards established by the Ministry of Education, specifically concerning sexual orientation. The study is based on the author’s 10 years of experience as a Physical Education teacher, with children from four to ten years of age, which revealed how much students look forward to this class. Unfortunately, it is common for Physical Education teachers to achieve the impossible: the transformation of that long awaited and desired class into something negative, by only emphasizing competition, instead of exploring the art of movement. By deepening studies on sexuality and education, it was possible to perceive that schools avoid speaking about feelings, and also avoid having students demonstrate them. The article presents methodologies now being used in the author’s place of work the – Escola Desdobrada Retiro da Lagoa – elementary school. The participants aspired for the same changes, the collective construction of the “Rediscovering our Sexuality” project. The article describes the construction of this project and points to some pedagogical possibilities for the topic.

**KEYWORDS:** Education. Sexuality. Pedagogy of movement. Physical

---

\* Especialista em Educação Física de 1ª a 4ª série. Professora da Rede Municipal de Florianópolis, atuando com crianças de 3 a 10 anos. Aluna especial do Mestrado em Educação e Cultura da UDESC. E-mail: linhas@udesc.br

education. Transversal subject.

Minha caminhada pela Educação Física, enquanto professora de NEI (Núcleo de Educação Infantil) e de 1ª à 4ª série do ensino fundamental é uma trajetória cheia de dúvidas e certezas que vem se acumulando durante esses dez anos em que leciono na rede pública de ensino da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Desde o primeiro dia em que comecei até hoje, muitas coisas mudaram, tanto na evolução dos conhecimentos em relação ao movimento humano, quanto no meu “amadurecimento” em perceber estas evoluções.

As aulas de Educação Física ainda são, em muitas escolas, um dos momentos prazerosos, pois, ao trabalhar com o movimento, estamos lidando com a essência da corporeidade do Ser Humano. Dessa forma, mesmo com o professor, às vezes, não contribuindo muito para a continuidade desse prazer, os alunos fazem a aula se tornar alegre, porque a liberdade e o contato através do olhar, do toque, do sorriso, da verbalização constituem-se em momentos que ficarão gravados como uns dos momentos significativos dos longos anos de escolaridade. Muitas vezes, nós professores conseguimos transformar esses momentos em algo não muito positivo, quando, ao invés de incentivarmos a ajuda mútua, a solidariedade, a conversa, o colocar-se no grupo e dizer o que sentiu ou sente ao fazer determinados movimentos, preferimos a competição, o apito, a ordem estabelecida, a disciplina, as humilhações, o repasse de conteúdos que muito ajuda na seriação do que se acredita ser o aluno “bom” e o “mau”. Conteúdos esses fundamentados no esporte de alto rendimento (futebol, voleibol, basquetebol) sem contextualizá-los, repassando informações de que ser “o bom” em determinado esporte trará um excelente futuro, com dinheiro, sucesso, fama, sem levar em conta o que significa essa “fama” e como a sociedade utiliza o esporte em nossos dias.

Não tenho nada contra o esporte de alto rendimento, mas, sim, contra a forma como nós, professores de Educação Física, muitas vezes, fazemos uso desse conhecimento na escola e, principalmente, na utilização dos mesmos enquanto únicos conteúdos que fundamentam a Educação Física. Esquecemos que não estamos lidando com atletas e sim com alunos (que podem vir a ser atletas), mas que precisam ser respeitados no seu momento, no seu tempo de escola. Precisam sim, ser despertados para o prazer em se movimentar, dando-lhes oportunidades de discutir, debater, expor suas dúvidas e seus sentimentos. Não é mais possível (sob pena de não ter função na escola), trabalhar a Educação Física escolar pautada na, e somente pela, competição, reproduzindo, sem contextualizar, o que significa competir.

É preciso parar de criar situações em que a todo momento estou “contra” alguém, contra algo, como uma eterna briga, um eterno desgaste, em que cada vez mais, as pessoas se fecham, protegendo-se dos outros e delas mesmas. Dessa forma, ajudamos no grande aumento de uma legião de pessoas que, na busca do auto-conhecimento, procuram fora delas mesmas suprir essas

necessidades, disputando, somente através do consumo, uma forma, uma maneira, um espaço de se perceber no mundo.

O assunto é tão sério, que foram definidos pelo Ministério da Educação como temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecimentos que os professores precisam ter sobre determinados assuntos como: drogas, ética, cidadania e sexualidade. Tudo para que se possa debater e criar espaço na educação, onde esses temas sejam desmistificados. A Prefeitura Municipal de Florianópolis organizou uma série de encontros ministrados por professores da Universidade do Estado de Santa Catarina, com o objetivo de debater esses temas. Fui convidada para fazer parte dessas discussões acerca da sexualidade, fiquei em dúvida sobre ir ou não, pois pensava que iríamos apenas ter conversas sobre orientação sexual (como fazer uso da camisinha, como se proteger das DST). Não que isso não seja significativo, mas acredito que esse tipo de orientação vem para minimizar um problema, que é a falta de diálogo franco, sem “pré-conceitos”, sem valores já pré-estabelecidos como verdadeiros, que hoje dificilmente encontramos, seja na escola, na família, na imprensa, nas rodas de amigos. A busca faminta que procuramos saciar através dos relacionamentos passageiros e descartáveis, da sexualidade precoce é, na verdade, a falta de uma maior compreensão do ser humano sobre si mesmo, de perceber que todos somos muito parecidos, que somos dotados de medos, dúvidas, inseguranças, receios. E que só através do diálogo é que teremos oportunidade de nos sentirmos iguais nas nossas diferenças.

Após inteirar-me dos debates e ouvir o professor César Nunes, autor do livro “Desvendando a Sexualidade”, pude perceber que a sexualidade é nossa essência, nossos sentimentos que se traduzem em desejos prazeres, alegrias, tristezas. Desta forma, abriu-se para mim, como ser humano e educadora, um novo horizonte de possibilidades, visto que, ao trabalhar com movimento nas aulas de Educação Física estou trabalhando com o corpo que é fonte inesgotável de “experiências significativas” (MOREIRA, 1992. p. 23). Sendo assim, pode-se afirmar que todo o movimento que fazemos é uma leitura da nossa sexualidade, pois, ali, traduzimos, denunciamos através e pelo movimento o que somos, o que acreditamos, o que intencionamos fazer. Portanto, a Educação Física é uma área de conhecimento riquíssima para trabalharmos emancipatoriamente a sexualidade. Isso requer uma série de novos conhecimentos, pois o movimento passa a ter significado, isto é, tudo o que faço é carregado de intenção, posso me perceber e ver o outro através do movimento, é um desvelar-se para a vida, é oferecer oportunidade de ver a si mesmo, no outro. Mas como fazer isso? Como trabalhar esse perceber-se no mundo através do movimento, se toda minha educação foi, desde a infância, até os cursos de graduação voltada para a competição? Raramente a dança entra nas aulas como conteúdo, isso porque a ênfase que lhe é dada não é igual aos demais, alguns conteúdos são privilegiados em relação a outros, entre eles estão os esportes e o atletismo, pois ambos tem, em sua historia, o rendimento e a superação de si mesmo, como prioridade.

Mas ao chegar na escola, descobrimos uma outra realidade: crianças, ao invés de atletas, pessoas que ainda, apesar de uma série de fatores que tentam calá-las, conseguem ser autênticas, isto é, falar o que sentem, chorar, ficar tristes. Neste turbilhão de sentimentos, são visíveis os pedidos que me chegam através das várias formas de linguagem corporal: pedidos de esclarecimentos, oportunidades de conversar sobre dúvidas e curiosidades acerca dos mais diversos assuntos, drogas, percepção das modificações do corpo que chegam com a pré-adolescência, sexo, diferença de gênero (masculino/feminino). Enfim, são pedidos que muitas vezes, não atendo, por medo, insegurança, por não querer me envolver, primeiramente com os pais, que, ao mesmo tempo em que esperam que a escola assuma a educação sexual dos seus filhos, questionam o que tentamos fazer. Não tenho, ainda, a segurança de mostrar que muitas das coisas que a sociedade coloca como verdades/mentiras nem sempre é o que acredito. Podem e surgirão, com certeza, por parte dos alunos outras possibilidades, outra forma de olhar sobre o que já está colocado como “correto”, diferente, muitas vezes, do que alguns pais acreditam ser o “melhor” para seus filhos. Discutir esse “melhor” é, para mim, ainda o grande nó. A escola (professores, conteúdo) da forma como ela se fundamenta hoje, possui em seu interior uma série de valores fundamentados numa educação sexual repressora e, muitas vezes, ao orientar, procuram colocar essa maneira de pensar como a “mais certa” para os seus alunos e alunas.

Devido a todas essas dúvidas, faço como a maioria: deixo passar o momento e sigo com o que foi planejado anteriormente. Mas não esqueço o que fiz e sinto-me péssima, sabendo que é preciso assumir meu papel de mediadora, trazer as dúvidas e conhecimento do cotidiano e transformá-los em debates, contextualizar, fazer ligação com a vida, mas como? Como fazer isso? As aulas de Educação Física são momentos privilegiados, pois os alunos conversam, se tocam, se olham, se desejam. E eu gostaria muito de transformar esses momentos num espaço de interligação de saberes. Acredito que uma das várias formas de se fazer isso, seria através de projetos de estudos, mas me falta conhecimento de como fazer. Como estabelecer limites e metas num projeto de trabalho? Como reorganizar as curiosidades dos alunos por novos conhecimentos? É possível trabalhar essas dúvidas e curiosidades através da percepção corporal? São perguntas para as quais eu ainda não tenho respostas, pois me falta competência de colocar uma série de saberes, capacidades, informações que me chegam, para junto com os alunos esclarecer esses pontos tão polêmicos.

Mas, há que provocar a mudança, certeza que tive desde os debates com os professores da UDESC. A partir dessas reflexões, procurei a direção da escola e coloquei todas as minhas dúvidas, receios e o desejo profundo de refletir sobre esse tema com os outros colegas de trabalho. Marcamos uma reunião com todos os professores para expor o que estava sendo debatido na “Rede” sobre o tema sexualidade. Para minha surpresa, todos demonstraram possuir dificuldades de falar

sobre algo que ainda se mostra novo e estranho, devido à falta de informações e ao hábito de calar sobre nossos sentimentos, que desenvolvemos ao longo de nossa vida escolar. Também ficou evidente que pouco adiantaria eu, professora de Educação Física, iniciar sozinha um trabalho com os alunos, se o corpo docente da escola não se sentisse preparado para dar continuidade, pois poderíamos dessa forma, perpetuar a visão de que a Educação Física seria a única disciplina a tratar da Educação Sexual. Tentando fugir dessa fragmentação do conhecimento, foi elaborado um projeto com o título “Redescobrimos nossa sexualidade” e enviado a Prefeitura Municipal de Florianópolis, relatando nossas dificuldades em trabalhar com este tema, solicitando consultores para subsidiarem o trabalho junto à comunidade escolar, já que, de início, o projeto seria desenvolvido com os professores, auxiliares de ensino, pais e alunos. Foi sugerido pela “Rede”, que o projeto envolvesse outras escolas, pois seria inviável contratar consultores para um número reduzido de pessoas. Dessa forma, convidamos o corpo docente da Escola Básica Henrique Veras para desenvolver o mesmo trabalho, ficando delimitado o projeto, então, apenas para os professores, auxiliares e direção, sem a participação, ainda, dos pais e alunos.

Foram realizados três encontros, totalizando vinte horas, ministrados pela mestra em Educação Sexual professora Rosana Lins Alves da Cunha, onde foram trabalhados alguns conceitos de Educação Sexual, pois havia a necessidade de entendermos o contexto, inclusive histórico, que permeia todo o tema. Se a sexualidade é compreendida, na fala de Foucault, como elaboração histórica, tratou-se, portanto, de mostrar que a sexualidade é muito mais do que o ato sexual, ela transcende a visão biológica, pois envolve sentimentos. Sendo assim, foram lançadas perguntas que deram início ao debate em torno da concepção e postura da escola e professores em relação à sexualidade. Assistimos o filme “Papai e papai”, que abordou o tema homossexualidade e os preconceitos envolvendo esse tema, e “Festa em família”, que denunciava os abusos sexuais sofridos por crianças em seus lares. Fizemos leituras do texto de Ilana Latermam (2000, p. 42) que trata da violência e incivilidade na escola, onde ela coloca que:

A instituição escolar lida com incivildades em dois sentidos. Como agente socializador, tem o papel de desenvolver cidadãos (num país com um difícil processo de cidadania) e autonomia moral (diante da relativização da ética). Diante da complexa realidade, vê-se por vezes enredada em dinâmicas de relacionamentos que encobrem seus objetivos originais.

Na sexualidade, a incivilidade acontece quando fazemos de conta que as manifestações sexuais dos alunos não são assunto nosso, ao delegarmos o repasse das informações a outros (vizinhos, amigos, família), ao “fechamos” a escola, protegendo o ambiente contra esse “problema”, ao desenvolvermos uma maneira de perceber o outro como Ser assexuado. Na maioria das vezes, ao falarmos sobre esse assunto, cercamos e protegemos nossas opiniões através de um



conjunto de regras, cerimônias, “pré-conceitos”, tabus que denunciam nossa insegurança ao falar sobre nós mesmos. Tudo isso é resultado de uma educação onde o conhecimento sempre foi colocado como algo impessoal, sem gosto, cheiro, cor, vida, em outra esfera, onde não precisavam ser vivenciados. Isso ficou evidente na avaliação dos encontros, onde, durante as falas, os valores de “certo” e “errado” denunciavam o quanto tínhamos ainda que apreender.

Novos encontros foram agendados pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, que colocou como proposta que os professores ali presentes fossem multiplicadores nas suas escolas, que levassem a proposta e procurassem trabalhar, no seu local, as dúvidas e os anseios que os professores sentiam ao falar sobre esse tema, sendo que a consultora estaria reunindo-se com o grupo para uma assessoria constante. Voltamos para a escola e explicamos a nova etapa do trabalho. Surgiram alguns temas e os mais solicitados foram: valores e comportamentos morais. O que se percebeu durante o encontro foi a necessidade de trabalhar, apenas com os alunos, valores como solidariedade, amizade respeito, limites, amor próprio, dentre outros. Não houve manifestação do grupo de professores em refletir sobre sua concepção de valores, a não ser no momento em que eu, como coordenadora, indaguei sobre a importância de trabalharmos o assunto no grupo, antes de trabalharmos efetivamente o mesmo com os alunos. Os professores, na maioria, efetivos, que, já vem juntos desenvolvendo o trabalho há alguns anos, possuem diferentes opiniões sobre sexualidade, o que, muitas vezes, gera conflitos. Isso, possivelmente, se origina da falta de reflexão crítica sobre nossos comportamentos, pois, muitas vezes, agimos de forma contrária ao que pregamos e acreditamos com relação aos valores padrões da cultura, na qual estamos inseridos. No dizer de Goergen (2001, p. 156):

Educar-se no contexto de um mundo de incertezas, contingências e ambientes plurais, mais do que incorporar valores e comportamentos preestabelecidos, significa apreender a lidar com incertezas. A capacidade de gerenciar conflitos torna-se uma das tarefas centrais da educação moral. Com este conceito entende-se não apenas a administração de conflitos, mas a ação positiva sobre o chão das relações conflituais. O conflito é parte positiva da estratégia da práxis humana. É, inclusive na perspectiva desses conflitos e contradições, inerentes a própria realidade, que se abre a possibilidade de construção de um novo telos para o indivíduo e para a sociedade humana.

A sociedade passa por uma crise de legitimidade no que se refere aos “valores padrões”, pois muitos destes foram relativizados como: amizade, amor, respeito e, alguns, até mesmo, deixaram de ser vivenciados. No momento, o que estamos tentando conseguir é garantir a possibilidade para que todo o corpo docente tenha um momento de “parar” para falar sobre si mesmo, sobre seus valores e incorporá-los enquanto “construção histórica”. Buscar a compreensão de que esses são carregados de “verdades /mentiras” relativas à época e a cultura na qual estão inseridos e que, muitas vezes, são motivos de sofrimento. Um dos caminhos seria a

problematização, discussão e fundamentação acerca dos valores, assumindo-os como algo que precisa ser colocado para “fora” de nós mesmos. Não convém guardar esses valores como algo valioso, fechado aos olhos dos outros e, muitas vezes, aos nossos. Se quisermos uma escola mais humanizada e feliz é preciso que nós, professores, tenhamos consciência de nos permitir a “ser um educador sexual possibilitando dessa forma, a elaboração de uma comunicação mais fácil sobre esse assunto” (GUIMARÃES, 1995, p. 42).

Isso é difícil? É muito difícil, pois de repente me vejo falando sobre sexualidade num grupo de professores que possuem as mesmas dificuldades que eu. Percebo que estamos caminhando todos juntos, almejando um objetivo, que é de tornarmo-nos pessoas mais felizes, conscientes de nossa função e querendo ser um ponto de referência, estarmos abertos, para que nossos alunos venham procurar-nos (sem medo de serem reprimidos) para exporem suas opiniões sobre quaisquer assuntos, inclusive sexualidade. Tendo claro que estamos educando para um mundo desconhecido, pois a sexualidade “como toda a experiência humana é produto de um complexo conjunto de processos sociais e históricos” (ARAÚJO, 2002, p. 74).

Precisamos perceber que o que hoje acreditamos como um valor, talvez, daqui alguns anos, não o seja. Por isso, a complexa tarefa de trabalhar com a sexualidade pois não se trata de indicar caminhos, mas possibilitar a percepção de que os caminhos foram e podem continuar sendo construídos. É na ousadia dessas construções que vamos tomando consciência da diversidade de possibilidades que temos na busca da felicidade, onde um dos valores básicos é o respeito a si mesmo.

## Referências

ARAÚJO, Maria de Fátima. Dança na escola: Cultura corporal de massa. *Cadernos do CEDES*, São Paulo, n. 17, 2002, Cortez/CEDES.

GOERGEN, Pedro. *Educação Moral: Adestramento ou reflexão comunicativa?*. São Paulo: Cortez Editores, 2001.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na Escola: Mito e realidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LATERMAN, Ilana. *Violência e Incivilidade na escola: nem vítimas nem culpados*. Florianópolis: Letras Contemporânea, 2000.

MOREIRA, W.W. Por uma concepção sistêmica na Pedagogia do Movimento. In: \_\_\_\_\_. *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papyrus, 1992.